

ANABELA LOPES

# CASTELO DE CARTAS



O PASSADO VOLTOU PARA A ASSOMBRAR



*Para a pessoa que primeiro ouve as minhas ideias,  
as minhas incertezas, os meus devaneios  
e me arranca dos meus bloqueios.*

*Para aqueles que seguraram o meu castelo  
quando este ameaçou ruir.*

Os monstros são reais. Os fantasmas também.  
Vivem dentro de nós e, às vezes, vencem.

STEPHEN KING, *The Shining*

## Prólogo

Quem lhe chamava um ato de cobardia nunca tinha enfrentado a coragem necessária para dar aquele passo.

Podia fingir estar num filme, imaginar que aquele seria o momento em que alguém, sem nenhum outro propósito no guião que não fosse o de impedir a tragédia, aparecia e lhe bradava que não saltasse.

Não era um filme. Não tinha o seu final feliz, não o conquistara. Calhava-lhe o desfecho que escolhera.

Ao olhar em seu redor, não sabia se procurava o escape ou a convicção.

Agarrava-se à estrutura de ferro com a vida, desejando acabar com ela.

O rio, lá em baixo, era ensurdecedor, revoltado. Nunca notara aqueles gritos de fúria, talvez porque o ruído dos próprios pensamentos sempre se tinha sobreposto à mundanidade. Agora, embora não achasse possível, sentia um vazio mental e só assim se permitia executar o movimento derradeiro.

Quando saltou, o último pensamento foi o de libertação. A última coisa que o seu olhar capturou foi os cordões coloridos das botas escuras. Mesmo que não fosse essa a intenção, certificara-se de que o seu corpo seria reconhecido.

# 1

— Se tiverem alguma experiência sobrenatural, se sentirem ou ouvirem alguma coisa, partilhem connosco, vamos gostar de saber.

Constança detetou o sorriso encomendado da rapariga da receção. Não a julgou, afinal, proferia aquele discurso dezenas de vezes por semana. O conceito era aliciante, e via o toque de génio dos avós Henrique e Alma Boaventura ao apostarem naquele investimento: transformar um sanatório abandonado num hotel de luxo, e explorar os dizeres sobrenaturais associados à sua história. Ela própria era responsável pela perpetuação do ambiente místico daquele lugar, sendo a gestora das redes sociais e campanhas de marketing do Hotel Esperança, nome herdado do antigo sanatório. «Viva uma Experiência Única — De Sanatório a Refúgio de Luxo», podia ler-se no site oficial. «Com uma fachada icónica e imponente que se destaca na colina da serra, o Hotel Esperança, originalmente construído, no início do século xx, como sanatório, foi meticulosamente renovado para manter o seu charme histórico.»

Sabia aquelas linhas de cor, de tanto que as lera e ouvira serem repetidas a cada hóspede. Também ela se deixara fascinar, quando criança, com o que se contava sobre o lugar: construído há um século para tratar doenças respiratórias, diziam os populares que havia também uma ala psiquiátrica clandestina e que os pacientes eram sujeitos a tratamentos que seriam mais eficazes em aniquilar a sanidade que restava aos doentes do que a curá-los. Os gritos, diziam as crenças, eram tão horrendos que se ouviam e ecoavam por toda

a serra. Durante décadas, o sanatório fora um refúgio de esperança, pelo menos até os avanços na medicina e do tratamento da tuberculose extinguirem a necessidade daquele lugar. Ao contrário do esperado, os mitos perpetuaram-se e cresceram. Com o abandono do edifício, os detalhes intensificaram-se, os curiosos aventuraram-se e os relatos multiplicaram-se: sons sinistros, murmúrios, gritos sussurrados, experiências do além, correntes de ar que trespassavam os corpos quentes. Se bem que, Constança sabia, eram sempre relatos na ordem do «diz que disse». Nunca na primeira pessoa. «O meu primo jura a pés juntos que foi lá explorar aquilo e que, a partir desse dia, o relógio de parede parou sempre às três da madrugada lá em casa. Toda a gente sabe que essa é a hora do Diabo!»

Entregue ao abandono e vandalismo, aos curiosos e às intempéries, o imenso edifício só foi recuperado no início dos anos noventa, quando os avós de Constança avançaram com a compra e remodelação. A renovação respeitou a arquitetura original e os elementos históricos, como os azulejos que caracterizam a entrada no cimo da grande escadaria, e os vitrais coloridos das janelas do primeiro andar. Uma simbiose visualmente apelativa entre o clássico e o moderno. Os antigos quartos dos pacientes foram transformados em suítes luxuosas; os corredores, outrora percorridos por enfermos, ganhavam vida com hóspedes de bolsos recheados de dinheiro; os velhos espaços comuns, como o salão de jogos, a sala de convívio e a cantina, davam lugar a um spa moderno, uma piscina interior e um restaurante gourmet; os gabinetes médicos transformaram-se em espaços para eventos e reuniões, sendo que um deles era agora o escritório de trabalho de Constança.

Como Constança ditara na página oficial do hotel, «Os hóspedes têm a oportunidade de mergulhar na história ao mesmo tempo que desfrutam de um serviço de excelência e conforto modernos». Nas noites quentes de verão, ofereciam ainda visitas guiadas paranormais, à luz de lanternas e medidores de campo eletromagnético, com foco numa experiência sensitiva, na esperança de detetarem

alguma presença etérea. A antiga capela, recuperada aquando da remodelação do hotel, e apadrinhada por Nossa Senhora de Lourdes, intercessora dos enfermos, era um ponto crucial dessas visitas guiadas.

A ideia dos avós havia sido um sucesso, uma inovação na altura, e prova disso era o facto de, ao fim de três décadas, a procura ser superior à oferta. Com jardins bem cuidados e uma localização privilegiada na encosta da montanha, permitia aos hóspedes desfrutar de variadas atividades ao ar livre. Era ainda o cenário perfeito para um retiro espiritual ou de leitura. Recebiam, com alguma frequência, escritores em busca de quietude e inspiração para os seus próximos sucessos ou fracassos literários. Um casamento naquele ambiente histórico era um momento memorável e havia uma lista de espera de anos.

Abstraída, ficou a ver o jovem casal a subir a escadaria interior que levava ao primeiro piso depois de terem ouvido todas as orientações que Melissa, a rapariga da receção, lhes dera. Conseguia ler-lhes a excitação e expectativa: era comum a todos os que lá pernoitavam a primeira vez. Ninguém ia parar ao Hotel Esperança desconhecendo a sua história. Todos ambicionavam pelo privilégio de ouvir as almas que ali pereceram, mas eram escassos os relatos. Esporadicamente, lá surgia alguém, normalmente uma senhora com tendência para o exagero, que jurava ter sentido uma presença no quarto, um sussurro ao ouvido ou um sopro na parte de trás do pescoço. Impressões geradas pela sugestibilidade do local.

— Melissa, precisam que eu faça alguma coisa antes de me ir embora?

A rapariga disse que não e Constança pegou na sua mala, de onde tirou as chaves do carro, cumprimentou o concierge e o segurança à saída com um breve aceno e correu pela escadaria abaixo. Não gostava que lhe levassem o carro para a garagem destinada aos carros dos hóspedes, preferia estacionar no parque privado nas traseiras do edifício.

Admirou a sua imagem no metal espelhado do carro. Alisou os cabelos com as pontas dos dedos e retocou o gloss assim que se sentou ao volante. No telemóvel, verificou o alcance dos conteúdos que publicara durante a tarde. Satisfeita com os resultados e depois de responder a algumas questões de potenciais hóspedes e de uma noiva que pretendia fazer uma visita em breve, abriu o WhatsApp e digitou: «Quando voltas?» Esperou alguns segundos, como se alguma vez a resposta tivesse sido imediata. Sabendo que o silêncio perduraria, arrancou num remoinho de ruído e poeira.

## 2

Chegada há minutos à Casa das Camélias, a mansão onde vivia com a avó e que o avô mandara construir aquando das obras no antigo sanatório, já tinha tirado os sapatos e a roupa desconfortável que só usava quando ia ao hotel. Idalina, a empregada, tinha-lhe preparado um lanche tardio que ela devorara em menos de dois minutos, de pé, na sala de jantar, de olhar pregado ao ecrã do telemóvel, à espera da resposta que lhe era devida. De mau humor, confirmou as visualizações das histórias que partilhara nesse dia, para perceber se ele as teria visto, mas nem isso.

Ainda a mastigar, passou pela escadaria curvada que dava para o primeiro piso e virou para o escritório, onde adivinhou que encontraria a avó. Bateu à porta com firmeza.

— Entre — chegou-lhe a voz rouca e segura de Alma.

— Ainda aqui enfiada? Não devia estar a descansar? Depois queixa-se das enxaquecas.

— Adoro as suas críticas revestidas de preocupação. — Apesar do tom sarcástico, o rosto de Alma iluminou-se ao ver a neta. — Posso dizer o mesmo, está com um aspeto horrível!

— Obrigada, avó. — Sentou-se, com um suspiro ruidoso, na poltrona em frente à secretária onde Alma se rodeara de documentos e um monte de papelada.

— Sempre às suas ordens. Como correu no hotel?

— Tudo normal, não há nada a reportar, temos mais três noivas potencialmente interessadas em fazer lá o casamento, uma

delas fez hoje a visita. Recebi uma dezena de mensagens de marcas e influencers que querem fazer campanhas conosco, ou então pedir borlas... o costume, nada de extraordinário.

A avó arrastou para trás a cadeira onde estava sentada e levantou-se. *Dominique*, a samoieda que dormia deitada aos pés da dona, abriu apenas um olho e voltou a dormir, pachorrenta.

— Sinto-a tensa, o que se passa? — Levantou-se, aproximou-se da neta, pondo-se atrás dela, e começou a massajar-lhe os ombros. Constança sentiu um alívio imediato quando as mãos delicadamente enrugadas, hidratadas e com cheiro a rosas lhe desfizeram os nós.

— Não se passa nada. — Mordeu o lábio, com necessidade de desabafar, mas sem vontade para o fazer. Sentia, no entanto, a sabedoria da avó a fervilhar.

— É aquele Elias, não é? Deu-lhe a volta e a menina jurou-me que não. — Parou de massajar os ombros de Constança, que se retraiu e abraçou os joelhos. — Não ponha os pés na cadeira, que falta de modos!

A neta resmungou qualquer coisa e tornou a baixar os pés.

— Não me apetece falar sobre isso.

— Nunca me enganou, Constança. Quis que eu pensasse que era uma coisa sem importância e veja o seu estado. — Foi sentar-se outra vez à secretária e, desta vez, *Dominique* levantou o focinho para reclamar umas festas. — Não sei o que vê nesse homem...

— Tem uns olhos bonitos — retorquiu com sarcasmo.

— Olhos bonitos em cara feia são tão inúteis como um feriado ao fim de semana.

Constança controlou uma gargalhada, mantendo uma expressão hostil.

— Que coisa horrível de se dizer! Ele é uma pessoa muito interessante, e a avó sabe-o bem. De qualquer forma, prefiro não falar do Elias, se não se importa. Como correu a reunião com o gestor de conta?

Alma fez um som incompreensível, mostrando a insatisfação com a estratégica mudança de assunto, mas não insistiu.

— Também não há nada de relevante a apontar. O crescimento está dentro do que é previsto para esta altura do ano, e temos carta verde para avançar com a área de glamping, na parte que toca ao investimento, pelo menos.

— Eu acho a ideia promissora, vai trazer mais jovens ao hotel.

— Claro que acha, ou não fosse uma ideia sua. — Deu uma gargalhada rouca.

— Também, mas concorda comigo. Prova disso é que está disposta a avançar.

— Vá, deixe-me terminar de ler estes relatórios, vá descansar e mude-me esse ar de derrotada.

— Não precisa de nada de mim?

— Não, ponha-se a andar!

Alma raramente gritava, mas impunha as suas vontades. Constança habituara-se a viver com aquele temperamento assertivo e não o estranhava.

Sem querer testar a paciência da matriarca, pediu licença e saiu, refugiando-se no seu quarto. Atirou-se para cima da cama depois de pousar o telemóvel na mesa de cabeceira a carregar. Levantou-se no mesmo segundo ao ouvir um toque que anunciava a esperada resposta.

«Não sei, aviso-te quando for.»

Enterrou a cara na almofada e calou um berro de frustração.

### 3

— É mesmo verdade que morreram aqui pessoas?

— Sim, há registos que o comprovam e temos até um cemitério. Está aberto ao público, se o quiserem visitar.

— O sanatório tem um cemitério? Quero dizer, o hotel.

Constança riu do ar escandalizado da noiva. Conhecia Lúcia há algum tempo, desde o primeiro ano da faculdade, embora não se cruzassem há vários anos. Tinham estudado Arquitetura juntas, área que nenhuma das duas acabou por seguir: Constança ficou-se pela gestão do hotel, que um dia havia de ser seu, e Lúcia tinha um negócio de velas artesanais. Alma insistira com a neta para que estudasse, que era «uma mais-valia», que era «importante», que era «uma segurança». Como terminou o secundário com uma média alta e um gosto pouco comum por matemática e geometria, acabou por tirar a licenciatura, mais para fazer o favor à avó do que por vontade própria.

— É também o cemitério da família, onde estão os jazigos dos meus pais e do meu avô.

Ficou um estranho silêncio, um olhar de conhecimento que Lúcia trocou com o seu noivo, Harry. Sabia que Constança era órfã, que fora criada pelos avós e que o avô também morrera, mas não fazia ideia de que estavam sepultados ali tão perto.

— Desculpa, não sabia.

Constança sacudiu uma mão e desvalorizou o embaraço da antiga colega.

— Não tem importância, nem tem nada de mal. É normal que não soubesses. De qualquer forma, sim, há lá sepulturas de pacientes que acabaram por morrer no antigo sanatório e cujos familiares não reclamaram os corpos. Até há uma lenda, não sei se alguma vez te contei... — Travou antes de continuar. O seu entusiasmo pelo projeto dos avós, por vezes, transcendia-a, e ganhara outra força desde que se assumira como o rosto do Hotel Esperança. Porém, percebeu que os noivos preferiam ver as imediações a ouvir histórias sem importância. — Um dia conto-te. Vamos ver o salão principal?

\*\*\*

«Fazes-me uma reserva para o fim de semana?»

Constança odiou-se pela onda de energia que a percorreu. Não havia uma saudação, um interesse em saber como estava, nem um bem-educado «por favor». Ainda assim, era como se aquelas palavras fossem a injeção de dopamina de que precisava para funcionar. Nunca quisera ser aquela mulher — desesperada, dependente, ridícula — e desprezava as que o eram. Ironicamente, transformara-se numa. Tudo começara de forma descomprometida, desligada, prazerosa, ao ritmo que ela impusera e ele desejara. Sem conseguir traçar a linha no momento exato, tudo mudara. Estava agarrada a Elias como a um vício. Ele não o sabia, ou ela nunca lho tinha dito, pelo menos. Jamais o admitiria, não porque esperava dele o primeiro passo, mas porque não confessaria as próprias fraquezas.

«Duas noites?»

Reviu mentalmente a sua agenda para o fim de semana. Não tinha nada combinado com nenhuma das amigas, nem recebera nenhum convite para estar presente em algum evento. Estava livre.

Já esperava que a resposta não fosse imediata, pelo que se entreteve a deslizar o dedo pelo ecrã, vislumbrando frações de vidas

alheias de uma perfeição em que já pouco acreditava. Vidas convenientemente editadas. Conhecia os truques, também os usava.

«Sim, de sexta a domingo. Obrigado.»

*De nada!* Revirou os olhos, ainda que com os lábios esticados num sorriso. Sabia que a avó ia reclamar assim que soubesse do regresso de Elias. Constança nunca lhe escondera aquela estranha relação, mas estava ciente de que Alma não a aprovava. Quem aprovaria?

Elias Torquato tinha por hábito fazer retiros de escrita no Hotel Esperança. Quando o recebeu pela primeira vez, Constança sabia quem ele era, mas não conhecia a sua obra. Por curiosidade, leu o seu primeiro romance e encantou-se com a melancolia das suas palavras. Quis conhecer o escritor por detrás daqueles sentimentos. Foi debaixo dos lençóis que ele lhe confessou ser casado, com duas filhas, que tinha quase o dobro da idade dela. Nada disto lhe importou, na altura. Porque a incomodava tanto agora? Porque não conseguira manter a distância emocional, porque não se contentara com o sexo sem compromisso, com as palavras escritas? Porque queria agora as palavras ditas, o fogo sobre o qual ele dissertava nos seus romances?

Arrancada dos seus pensamentos, ouviu bater à porta do quarto.

— Sim?

— Menina, o jantar vai ser servido, a senhora pediu-me que a viesse chamar. — Idalina abriu a porta o suficiente para enfiar a cabeça.

Constança soltou o ar, com uma exasperação algo divertida.

— A minha avó está com medo de que eu fique subnutrida? Já estava a preparar-me para descer, não é preciso virem chamar-me como a uma criança.

Idalina encolheu os ombros e baixou o olhar com um sorriso pequeno.

— Sabe como ela é.

Levantou-se da cama, abriu a porta e pousou um braço por cima dos ombros da empregada que conhecia desde sempre.

— A minha avó é uma chata, mas é a nossa chata preferida, não é?

Não tantas vezes quanto gostaria, dava conta da importância daquela mulher na sua vida. Idalina havia sido contratada logo após a morte dos pais, quando tinha apenas dois anos. A par com Alma, fora a mãe que não tivera. Com o desaparecimento precoce do filho, e da sua mulher, num voo da ilha de São Miguel para a das Flores, nos Açores, foi o maior choque que os avós tiveram de enfrentar. Entre o luto e uma neta tão pequena nos braços aos seus cuidados, Alma e Henrique viram-se obrigados a renovar-se e a criar e educar uma filha que não era deles, mas que lhes pertencia. Idalina, que tinha criado cinco irmãos mais novos, fora uma adição essencial e há quase vinte e cinco anos que era parte integrante da família e da casa.

Agora, era a responsável pela cozinha, um habitat que lhe era quase natural e do qual não prescindia, mostrando prazer na tarefa. Como já tinha alguma idade, havia uma equipa de limpeza que tratava da lide uma vez por semana. Mesmo que a Casa das Camélias albergasse apenas Alma, Constança e Idalina, era demasiado grande para que o serviço ficasse exclusivamente ao encargo da empregada.

Ao cruzar a porta para a sala de jantar, foi recebida com um olhar acusatório.

— Já viu as horas, Constança?

— Não uso relógio. Ainda bem que mandou a Idalina chamar-me, era capaz de passar o serão em jejum se não fosse a avó. — Fez um sorriso trocista.

— A Constança acha que tem muita graça. Não tem relógio, mas não deve ter largado o telemóvel, pois não? — Evitava o contacto visual com a neta, tentando manter a compostura. Sabia que Constança gostava de a desafiar e apreciava isso nela, mas não

se permitia demonstrar-lho. Pousou o guardanapo de pano em cima dos joelhos e entrelaçou os dedos sobre a mesa, mantendo os cotovelos baixos. Abanou a cabeça em desaprovação ao ver a neta fazer justamente o contrário de toda a etiqueta que lhe ensinara ao longo dos anos.

— O Elias vem ao hotel no próximo fim de semana. — Deixou a informação dissipar-se, à espera de uma reação. Não tinha como esconder-lhe aquilo, a avó notaria a sua ausência por duas noites, e se havia coisa que Constança abominava era a mentira, fosse em que direção fosse.

Alma fungou alto, mas permaneceu em silêncio. Idalina chegou com o jantar e serviu-o em silêncio, quase como que alheia à tensão. Constança esperou que a empregada se retirasse, para lhe poupar o drama.

— Vá, desembuche! Não guarde para si esses sentimentos, ainda azeda.

Atirou o cabelo para trás e mastigou um pedaço de pão, mostrando uma descontração disfarçada. Sabia que a avó tinha tendência para guardar o que pensava e depois explodia nas ocasiões mais inusitadas, como acontecera uma vez numa reunião com a equipa de catering do hotel, em que a indecisão sobre o menu da estação seguinte encadeou com a aparente indecisão de Constança em relação à sua vida amorosa. No entender da avó, a neta já devia estar bem casada e com um filho no ventre, porque era essencial manter a linhagem da família e garantir herdeiros para o seu património. Constança ria destas ideias ultrapassadas.

— Não tenho nada a acrescentar. Já sabe que não concordo nem apoio essa relação. Esse Elias só quer aproveitar-se de si. Um homem com família, Constança! Que vergonha, já viu se isto se sabe? Um escândalo!

— Não se preocupe, ninguém sabe. E para quem não tinha nada a acrescentar, teve muito a dizer — desafiou.

— Ninguém sabe? Sabe o pessoal do hotel. Se algum deles se lembra de vender a história às revistas... que desonra, Constança, nem quero imaginar!

— Já ninguém lê revistas. Quem quer saber da vida amorosa de um escritor em Portugal?

Alma fungou, mas não retaliou. Recomeçou a comer em silêncio, pensativa, com um olho no prato e outro na neta que, na sua visão, teimava em ser rebelde.

— Então e o *Salero*? — espicçou Constança, o que levou a que a avó soltasse um gemido de indignação.

— Tenha maneiras, Constança! Mais respeito, por favor.

Javier era um mexicano, uns bons anos mais novo do que a avó, que viera, há quase três décadas, para o país em busca de uma vida melhor. Fazia serviços de jardinagem na área circundante do hotel e na casa onde viviam e era também o motorista de Alma Boaventura. Um homem discreto e de poucas falas, o sotaque de origem como uma segunda pele, era como se vivesse nos bastidores, apesar de sempre pronto a servir. Num cliché típico de telenovela de qualidade duvidosa, Alma e Javier mantinham uma relação secreta há algum tempo, nem Constança sabia quanto.

— Javier, pronto. Não acha mais escandaloso se essa história vier a público? «Alma Boaventura redescobre o amor nos braços do motorista.» — Fez um gesto expansivo, como se escrevesse o título da revista no ar.

— Chega!

Constança deu um salto e endireitou-se quando a avó se levantou e pôs os punhos com força na mesa.

— Não lhe admito essas faltas de respeito. Não depois de tudo o que fiz e faço por si e de toda a educação que lhe dei. — O seu olhar chispava e os lábios, quase que permanentemente pintados de um vermelho-escuro, estavam cerrados com força. O cabelo, em ondas largas de um branco-platinado e sem um fio desalinhado,

conferia-lhe a autoridade que tinha, mas que nem sempre deixava transparecer.

— Desculpe, avó. Excedi-me — admitiu Constança, baixando a cabeça. Gostava de brincar com Alma, gostava de a arreliar, mas às vezes não media até onde podia ou devia esticar a corda. Apesar de ter perdido os pais ainda bebê, e de o avô lhe ter morrido pouco depois, nada lhe faltara ou lhe fora recusado, mesmo que no entre-meio de alguma austeridade. Tivera a melhor educação, frequentara os melhores colégios, viajara pelo mundo todo, a avó confiara-lhe a gestão social do hotel e pouco lhe era exigido de volta: apenas respeito. Respeito pela avó e pelo nome da família. E por si própria. Tinha, apesar da ausência dos progenitores, uma vida privilegiada, pelo que Alma não merecia aquela desconsideração.

— Coma. Já passou. — Tornou a sentar-se e a ajeitar o guardanapo no colo, pegou nos talheres de prata e aliviou a expressão dura. — Fale-me da sua colega de escola. Está convencida a fazer o casamento connosco?

## 4

— Já podes contar-me sobre o que é o livro?

Constança fitava o teto, a cabeça pousada no ombro nu de Elias, os dois tapados apenas com o lençol de algodão carimbado com o brasão do Hotel Esperança. Os corpos ainda transpiravam sexo e o escritor esticou o braço livre para pegar no copo de vinho e beber um gole antes de falar.

— Preciso de um cigarro. Vamos para a varanda.

Disse-o quase como uma ordem e Constança, contrariada, mas obediente, levantou-se e vestiu o robe fofo do hotel de costas para ele. O escritor fez o mesmo, levantou o casaco de cima do cadeirão, tirou do bolso o isqueiro e o maço de tabaco e saiu atrás de Constança para a varanda.

Apesar do calor primaveril que se fazia sentir durante o dia, as noites na serra eram desagradáveis, mesmo quando o verão chegava. Corria uma brisa gélida, o que, acompanhada da vista sobre a floresta negra e inescrutável que se estendia à frente deles, criava um ambiente sinistro.

— Não me respondeste... — Apertou-se mais no roupão, em vão. Estava gelada. Elias percebeu-o, segurou o cigarro de ponta incandescente entre os dentes, e acolheu-a nos seus braços.

— Sobre o livro? Não há muito para contar.

— Com tantos retiros de escrita, achei que já estivesse quase terminado. — Olhou-o com intensidade, como se tentasse ler-lhe a alma ou perceber quantas das palavras esquivas eram mentira.

— Tu distrais-me... e eu atraso-me nos prazos. — Afastou o cigarro dos lábios e inclinou-se sobre Constança para a beijar, mas esta recolheu-se, não tão subtilmente quanto gostaria.

— A tua mulher não desconfia desses atrasos? Ou mesmo a tua editora?

Como se tivesse levado com um balde de água gelada pelas costas, Elias largou-a e deu um passo atrás.

— Deixa a minha família e o meu trabalho fora disto. Foi o acordo que fizemos.

O *acordo*. Aquele que aceitara, completamente alheia ao risco que corria de se apaixonar.

Com um resmungo ininteligível, arrancou-lhe o cigarro da mão e meteu-o à boca. Não fumava, normalmente, só quando estava nervosa. Ou furiosa, como naquele instante. Não com Elias, mas consigo mesma. Olhou-o demoradamente, e ele retribuiu-lhe o silêncio. Não era um homem bonito, a avó tinha razão. Mas havia algo nele que a prendia. Talvez a barba hirsuta que lhe dava aquele ar austero e que contrastava com o olhar claro e meigo. Ou talvez os ombros largos e aquela postura que lembrava um guarda-costas. Ou então a voz grave e baixa, como se sussurrasse com alguma severidade. Ou, ainda, talvez fosse a personalidade melancólica, parca em palavras faladas, sempre com um copo e um cigarro na mão, como se a escrita dependesse destes lugares-comuns.

— Desculpa — pediu, sabendo que não venceria aquela batalha. Não tinha vontade nem energia para insistir no assunto do livro.

— Dormes comigo? — Ele aproximou-se e tocou-lhe com as pontas dos dedos no rosto fino e moreno. Fora a beleza dela que o encantara, Elias nunca o negara. Com um olhar rasgado a moldar as íris esmeralda, o longo cabelo cor de caramelo, um nariz fino e maçãs do rosto altas, Constança era uma das mulheres mais belas e exóticas que conhecera.

Ela agarrou nos dedos que lhe acariciavam a pele, beijou-os e sentiu-lhes o cheiro e sabor a tabaco.

— Já disse à minha avó que não ia dormir a casa. — Deu um último trago e esmagou a beata entre os dedos e o parapeito da varanda. — E ela fica sempre arrelhada quando venho ter contigo, é bom que não me veja muito nos próximos dias. — Riu-se, subitamente uma criança travessa.

— Ela não me suporta, pois não?

Constança deixou escapar um arrepio e deixou a pergunta de Elias no vazio.

— Anda para dentro, não aguento este frio. — Puxou-o por uma mão, correu as portadas espelhadas da varanda e fê-lo sentar-se na cama. Ela sentou-se-lhe no colo, voltada para ele. Nus por baixo dos roupões, o contacto de pele foi inevitável e Constança sentiu-se invadida por uma vontade de ter Elias só para si, de lhe pedir que deixasse a mulher, que fosse só dela. Não o verbalizou, tinha noção da tempestade que se seguiria e que acabaria por afastar o escritor. Em vez disso, beijou-lhe a barba, mordeu-lhe o pescoço e arranhou-lhe as costas, como se afirmasse o que não podia pôr em palavras.

— Constança... — Quis pedir-lhe que parasse, mas o seu corpo não correspondia à sua vontade.

Por entre os gemidos de prazer, não ouviram o grito de horror num dos quartos vizinhos.

## 5

— Já desço. — Desligou o telemóvel e atirou-o para cima da cama.

— Que se passa? — Elias cobriu-se com o lençol e tentava disfarçar a frustração que sentia por terem sido interrompidos.

Constança só respondeu depois de calçar os sapatos e de ajeitar o cabelo.

— Aparentemente, uma hóspede sentiu uma presença no quarto. Desatou aos berros e está lá em baixo com o meu pessoal, quer falar com a gerência.

Retocou o batom nude, deu um beijo frouxo a Elias e saiu a correr.

\*\*\*

— Mas viu alguém, dona Cármen?

A mulher estava enrolada no seu roupão de seda e trazia uma touca a condizer. Tremia, mas não seria apenas de frio. O hotel estava climatizado para que a temperatura fosse agradavelmente amena em qualquer ponto do interior do edifício.

— Não, não... não vi, mas senti. Senti e ouvi. Foi horrível... não acredita em mim, pois não?

Constança não tencionara transparecer a sua incredulidade, mas ao que parecia estava espalhada na sua expressão. A verdade era que aquele cenário não lhe era desconhecido. Fosse por sugestão das histórias que envolviam o antigo sanatório e a malfadada ala

psiquiátrica, fosse porque gostavam de chamar a atenção, ou até porque queriam um reembolso, não eram tão raras as vezes em que hóspedes fingiam experiências sobrenaturais.

O marido da visada cobria-lhe os ombros com um braço, um olhar ligeiramente vazio, talvez porque fora arrancado do sono pelos gritos da mulher.

— E o senhor António? Viu ou ouviu alguma coisa?

— Eu não, estava a dormir!

— Eu acordei com uma respiração ao ouvido. Um borbulhar, como se a pessoa, ou alma... — benzeu-se — estivesse num fundo do poço, a afogar-se, sabe?

Não sabia, mas imaginava. Também assistira a muitos filmes de terror, conhecia os efeitos sonoros que nos perseguiram noite adentro, quando estamos mais vulneráveis.

— Vamos fazer uma revista ao quarto para garantir que está tudo dentro da normalidade. Se a dona Cármen se sentir mais confortável com isso, podemos mudá-los de quarto, conforme a nossa disponibilidade. Que lhe parece?

O casal acenou com a cabeça, ela visivelmente mais aliviada, e ele a disfarçar o embaraço.

Foi ela mesma verificar o quarto, mais para passar uma sensação de segurança e responsabilidade aos hóspedes do que por sua vontade, e pediu aos rececionistas que garantissem um quarto disponível aos queixosos.

— Quando li que havia uma aura sobrenatural sobre o hotel, pensei que fosse só um mito... — ia dizendo Cármen, colada aos pés de Constança, que caminhava confiante em direção ao elevador. — Ai, não, vamos pelas escadas!

— A dona Cármen tem claustrofobia? — Parou de repente, fazendo com que o casal quase embatesse contra ela.

— Não, não... é que... desculpe a minha paranoia... mas já viu se a alma penada entra no elevador quando lá estamos e depois aquilo pára? Podemos ir pelas escadas?

Constança não sabia como conseguira, mas disfarçara tanto a gargalhada quanto a exasperação.

— Tudo bem, como se sentirem mais confortáveis. Sabe... — Começou a encaminhar-se para a escadaria, mas deixou que o casal passasse primeiro. — A única parte que é real na nossa história é que o antigo sanatório foi remodelado e transformado no Hotel Esperança. Tudo o resto são relatos não credíveis dos populares. É certo que gostamos também de explorar esse lado mais sinistro, mas não passa tudo de dizeres. O bom e velho ditado: «Quem conta um conto...»

— Eu sei o que ouvi. — A certeza na voz da mulher não dava azo a contestação.

Constança desistiu de tentar fazer chegar a hóspede à razão. Não duvidava de que ela tivesse passado por uma experiência do além, só duvidava de que ela estivesse consciente quando aconteceu. Fora um sonho, um pesadelo, uma confusão de sons. Ainda assim, achou melhor não insistir.

Tinham chegado à porta do quarto.

— Querem que eu entre primeiro?

— Se não se importar — acedeu o senhor António, demonstrando, afinal, um certo receio.

O quarto estava conforme esperava: às escuras, com a roupa da cama desfeita e largada à pressa, vestuário espalhado pelos cadeirões e algum pendurado nos cabides, dezenas de produtos de higiene e beleza expostos no lavatório e chuveiro da casa de banho.

— Desculpe-me a desorganização... — disse a senhora com um sorriso tímido.

— Não se apoquente com isso. — Sacudiu uma mão, pouco incomodada com a dita confusão. No entanto, havia algo que lhe provocava uma certa inquietude, pese embora não soubesse logo apontar o quê.

Percorreu o quarto com um olhar atento. Tal como suspeitara, não havia sinais de intrusão, as portas da varanda estavam fechadas

e trancadas, não havia ninguém debaixo da cama quando espreitou, não encontrou nada suspeito atrás dos cortinados, e a casa de banho também estava deserta. Não que Constança acreditasse que, na improbabilidade de o quarto ter sido invadido por um estranho, esse ainda ali estivesse. Não obstante, queria perceber se havia alguma situação suspeita, algum objeto esquecido, algum cheiro... o *cheiro!*

— Desculpem por perguntar: a dona Cármen ou o senhor António fumam?

O casal entreolhou-se.

— Não. Além do mais, não é proibido fumar dentro dos quartos?

Fez um aceno ligeiro de cabeça, mas não respondeu. Disfarçadamente, levou as pontas dos dedos ao nariz e inspirou, um gesto subtil. Era ela. Cheirava a tabaco e ficara com a impressão de que o cheiro estava entranhado no quarto.

# ANABELA LOPES

## CASTELO DE CARTAS

Num romance onde o sobrenatural se cruza com o psicológico, e o luxo esconde cicatrizes profundas, **o Hotel Esperança revela-se um lugar onde nada é tão sólido quanto parece, um castelo de cartas prestes a desmoronar.**

O Hotel Esperança ergue-se como um símbolo de prestígio, tradição e silêncio. Entre corredores luxuosos e quartos requintados, Constança Boaventura acredita ser a dona do seu destino, tal como acredita conhecer a história da sua família.

Mas há paredes que escutam, memórias que não se apagam e segredos que exigem ser descobertos.

À medida que estranhos acontecimentos começam a desabar os pilares da sua vida cuidadosamente construída, Constança é forçada a confrontar o passado que lhe foi ocultado: perdas nunca resolvidas, afetos sufocados e uma herança marcada pelo poder e pela culpa. O regresso inesperado de alguém há muito esquecido torna-se a chave para sair de um labirinto de mistérios que ameaçam tudo aquilo em que sempre acreditou.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-337-9



9 789895 893379